

Peter Pan: do Pó Mágico à Epidemia

Resumo:

Neste trabalho, o autor utilizou-se do conto "Peter Pan", escrito por Sir James Matthew Barrie, para aproveitar as coincidências existentes entre a história e a situação vivida pelas personagens, relacionando-as com o uso de drogas entre os jovens e suas possíveis conseqüências.

Abstract:

The author has based in this paper upon the story of "Peter Pan", written by Sir James Matthew Barrie, using the existing coincidences between the story and the situations lived by its characters, relating them with the use of drugs among the youth and their possible consequences.

Introdução:

Uma série de coincidências, se vistas à luz de um enfoque situacional comum ao uso e ao usuário de drogas adolescente, podem ser observadas na célebre história infantil "Peter Pan". Este trabalho não pretende insinuar que o referido conto possua poder influenciante neste sentido, mesmo porque o contexto da narrativa tem capacidade processual, como os contos de fada, que inclusive ajudam as crianças a identificarem seus conteúdos latentes através dos personagens, pois a resolução final da trama encaminha as soluções quando internalizadas.

Neste escrito, as coincidências em questão servem como pano-de-fundo para explanar alguns tópicos a respeito do problema da drogadicção.

A história:

Havia um adolescente que não queria crescer e habitava um lugar chamado "Terra do Nunca". Habitava também as fantasias identificatórias de outros adolescentes, ou pré-adolescentes, que miravam o vazio da noite através de uma janela. Os pais, ausentes, estariam em uma festa. Não estavam em casa, não viram nada, não sabiam de nada. (Negação na família).

Os pensamentos dispersos divagam e flutuam entre as indecisões, questionamentos e vicissitudes do processo adolescente. (Ou adoecente). Deste emaranhado todo, eis que surge um ser bem falante, disposto a desatar o enredo

de um novelo denso chamado crescimento. Aflições, dúvidas e ansiedades são colocadas em xeque através de uma solução rápida, curiosa e instantânea. Um pó mágico é apresentado como a via régia mais rápida e eficaz para a conquista do bem estar. Usuários do pó branco flutuarão leves, poderão voar nos ares da euforia, e o "brilho" será o fiel facilitador dos pensamentos e acontecimentos.

A Ausência dos Pais:

Eis que os pais haviam saído para uma festa, e os filhos ficaram sozinhos. Seguindo a visão interpretativa, os pais desfrutavam prazeres enquanto os filhos permaneciam em casa, com a incumbência de dormir. Revive-se a especulação sobre a cena primária¹, onde os filhos visam espreitar os prazeres (sexuais) dos genitores. A história não fala da contrariedade dos filhos com a ausência dos pais ou com a proibição do prazer, mas fornece uma boa pista de como houve uma atuação desse sentimento, com o uso do pó, a fuga da casa e a terra do não-crescimento. (Não dormir significaria também um não processamento dos conteúdos do crescer. Ou seja: negar, em última instância, o processo vital que inclui a morte). A atitude em questão também revela que a "lei-do-pai²" não foi devidamente incorporada, e a obediência não se fez em casa como também não se fará no contexto social.

Sob este ângulo, a ausência dos pais poderia se traduzir em um aspecto muito amplo, mas enfocariamos a porção do desinteresse em fornecer um auxílio real a nível de processamento das angústias adolescentes, estabelecendo uma atitude relacional com mecanismos de negação (desconhecimento do pó), racionalização e intelectualização. Deixá-los sozinhos pressuporia uma relação de confiança, e confiança só poderia ser estabelecida através do conhecimento, pois ninguém poderá confiar no que não conhece, a não ser que esteja "cego" para a situação estabelecida.

O Pó:

Vale lembrar antes de tudo que o pó "Pirlimpimpim", lançado ao ar, é aspirado voluntariamente. Por coincidência, a cocaína também é habitualmente aspirada. A tentativa de "tratar" o processo adolescente através desta "auto-medicação" costuma ser desastrosa para o indivíduo e sua família.

¹Laplanche, J. e Pontalis, J.B. Vocabulário de Psicanálise, 1967. Livraria Martins Fontes, 1986. Pág. 97

²Dor, Joël. Introdução à Leitura de Lacan, 1985. Ed. Artes Médicas, 1989. Pág. 88

A nível dos prazeres, a droga atuaria como um ato repetido que não enriquece o imaginário psíquico. Vale uma comparação entre este "prazer" e a masturbação, ato solitário. Na relação sexual completa, ocorre um aproveitamento saudável dos aspectos narcísicos da personalidade. Por isso, costuma-se comparar o uso de drogas com a masturbação, pois em ambas as situações não há resposta afetiva. Com a progressão do uso, mesmo esse projeto de prazer cai em qualidade, pois o usuário crônico já não busca os aspectos prazerosos do uso, visa somente evitar o desconforto causado pela falta³.

O Corpo do Capitão Gancho:

Na drogadicção, o registro comportamental da personalidade é o que mais se salienta, a ponto de colocar o corpo a serviço da conduta, e os mecanismos projetivos funcionam com muita intensidade em direção à objetos-alvo do exterior. Assim, a agressividade e as angústias persecutórias advindas dos "perseguidores⁴" começam a funcionar juntamente com o pensamento mágico. Desta forma, o Capitão Gancho seria a projeção do lado "mau, pirata e ilegal" da personalidade. (A falta da mão direita pode ser atribuída, em uma visão mais profunda, como a mutilação culposa pelo ato masturbatório da drogadicção, com características de castração e auto-mutilação. O corpo do dependente químico muitas vezes mostra trágicas conseqüências). Porém, vale mais a pena relacionar a perda da mão direita com a forma pela qual ela foi subtraída: conta a história que a mesma foi devorada por um crocodilo.

O Crocodilo Tic-Tac:

Visão particularizada do deus Cronos⁵, está sempre girando ao redor de suas possíveis presas. Assim é o tempo, implacável devorador de quem estacionar na vida, de quem escolher a "Terra do Nunca" como porto de chegada, como meta pessoal. E assim fez o tempo para deprimir ou mutilar o psiquismo de quem criou vários projetos mas não soube ser cúmplice efetivo de nenhum deles. Então, lá está o Tic-Tac, justamente na transição entre a infância e a vida adulta, a gritar em silêncio, com a boca cheia de dentes: "Decifra-me ou devoro-te pedaço por pedaço. Cresce de verdade ou vem até mim, que estou te aguardando". Parece que o crocodilo da história gostou do corpo do Capitão Gancho (vive a perseguir o navio), e busca alimentar-se do que resta, a pressupor que os "alvos" prediletos são exatamente as situações que apontam para as adversidades do não-crescimento.

³Olievenstein, Claude. A Clínica do Toxicômano, 1987. Editora Artes Médicas, 1989. Pág. 15

⁴Segal, Hanna. Introdução à Obra de Melanie Klein, 1964 e 1973. Imago Editora, 1975. Pág. 143

⁵Ménard, René. Mitologia Greco-Romana, Opus Editora, 1991. Volume I, Pág. 35

Peter Pan e as Identificações:

A sociedade atual, ao tempo que multiplica instantaneamente informações e acontecimentos, cria polimorfismos situacionais que dificultam o processo identificatório saudável do adolescente. Os ídolos já foram pessoas próximas, parentes ou alguém eleito como importante para compor imagens⁶. O processo segue seu curso normal a partir da primeira infância, onde os pais são essas figuras de identificação. Na adolescência, os pais são literalmente "destituídos" do cargo de figuras identificatórias e trocados por outras.

Na parede do quarto, lá estão os cartazes de algum ídolo. Distante, platonizado⁷, ineficaz afetivamente. Também é um objeto que não responde, assim como o pó. Essa idealização muitas vezes é regida pela lei do menor esforço. Por exemplo: o músico X é exímio guitarrista. Lá está a foto. "Eu gostaria de tocar como ele. Mas não consigo. Para ser-lhe próximo devo parecer-me com ele, mas não será pelo esforço que empreendeu para executar habilmente o instrumento, mas pelo lado mais fácil. Ou seja: com o visual, com os hábitos, com o *modus-vivendi*." (Esta seria a fala do inconsciente). Com mensagens subliminares e muitas vezes até explícitas, estes ídolos vendem a idéia do sucesso profissional e amoroso atrelado ao uso do pó, e não ao esforço, ao ensaio e ao talento.

A chegada de Peter Pan mostra um pouco da importância das figuras identificatórias. Mais vivido, mais falante, muito solícito, chega e se oferece como protagonista de experiências novas e fantásticas. Condição *sine qua non*: pensar coisas boas. E, claro, usar o pó - senão não funciona. Ou seja: não pense (não processe) coisas difíceis que poderão causar dor e sofrimento. Pense superficialidades, e imagine-se no topo sem esforço nenhum. Só assim acontecerá esse vôo de asa liberta rumo à "Terra do Nunca", onde tudo permanece como está e todos são fiéis às leis da Inércia⁸.

Essa "trégua" proposta pelo uso do pó, visando estagnar por algum tempo as necessidades do crescer, não possui nenhum valor no sentido de auxiliar nesse encaminhamento. O efeito poderia ser comparado a compressão de uma mola

⁶Na origem Junguiana do termo, se refere uma "proto-apreensão" do outro, relacionada com com suas primeiras relações familiares, uma "representação" inconsciente.

⁷O termo, na verdade, foi destituído de sua forma original: nos diálogos de Platão, este relaciona o amor adulto com "admiração e cuidado". Atualmente, se designa para exemplificar algo inalcançável, embora Platão não tenha afirmado esse estrito sentido em sua obra.

⁸Propriedade segundo a qual um corpo não pode movimentar o seu estado de repouso ou de movimento a não ser que sobre ele atue alguma força. (Lei da Física)

contra a parede. Enquanto energia e força estão direcionadas, a mola está comprimida. Mas isso não estanca a força intrínseca da mola, e a tensão tende a empurrá-la de volta ao estágio inicial, pois a energia consumida é do braço e não da mola. A resultante desta equação, desde vai-e-vem crucial é algo muito próximo da "compulsão à repetição"⁹.

Peter Pan X Gancho (Dois Instintos que Duelam)

Há o relato de vários encontros entre Peter e Gancho. Teoricamente o "mocinho" Peter Pan vence em todos eles, mas de um jeito ou de outro o vilão continua vivíssimo. Mais vivo do que nunca. Nesses encontros a vida caminhou no fio tenso das adagas do pirata. Sendo o Capitão Gancho a projeção "maligna" da personalidade, temos os dois instintos básicos (Instinto de Vida e Instinto de Morte - Eros e Tânatos¹⁰) duelando constantemente. E os novos encontros de Peter com o Capitão (as recaídas) também exemplificam o duelo. Na desesperada busca de uma liberdade prematura, encontra-se o aprisionamento. O traçado dessa equação de tentativas compõe o resultante do futuro de cada pessoa envolvida.

Wendy: Overdose na Prancha

À beira da morte, Wendy foi salva por Peter Pan. Acrescente-se o entendimento de que ela chegou até ali exclusivamente devido ao uso do pó mágico. Sem esse fator - causa e conseqüência - lá não estaria. O suplício simbólico de andar na prancha representaria a overdose, a morte aguda e repentina, com o conseqüente tombar nas águas do crocodilo Tic Tac.

A overdose é sempre uma situação-limite das mais dramáticas. Na história em questão, o "salvamento" que ocorre na verdade é aparente, pois o susto não impede o retorno ao uso, e daí se pode supor novos estágios de repetição muito semelhantes.

A Fada Sininho:

Assim como o Capitão Gancho recebe em seu corpo as mutilações decorrentes do processo, a flutuante fada sininho representa a projeção de uma "fuga maníaca" dos perigos que o grupo enfrenta. Trata-se de uma criatura

⁹Laplanche, J. e Pontalis, J-B. Vocabulário de Psicanálise, 1967. Livraria Martins Fontes Editora, 1986. Pág,125.

¹⁰Bosch, Magda. García, Ramon. Lloret, Catalina e de Lara, Nuria Pérez. Freud e a Psicanálise, 1979. Salvat Editora do Brasil, Pág, 105.

minúscula, assexuada, e que funciona como uma espécie de anjo-da-guarda de plantão, e se mostra etérea e inatingível.

As fadas geralmente abrigam apenas conteúdos bons dentro de si. No caso específico de Sininho, a inveja e o ciúme em relação à Wendy fez com que atentasse contra ela, arrependendo-se depois. Ou seja: mesmo dentro de um maniqueísmo do tipo *splitting*¹¹ kleiniano, os conteúdos se misturam e causam apreensão. A história mostra a angústia culposa de sininho, chorando após o acontecido. Conforme as atuações dos adolescentes frente às situações impostas pelo crescimento, teremos um dos lados aparecendo mais ou menos do que o outro. Comparando-se o tamanho da fada com o tamanho do poderoso e temido capitão Gancho, pode-se ter uma idéia de qual dos lados da personalidade encontra-se mais visível. (Ou seja: mais projetado ao meio externo).

Barrica, o Ajudante do Capitão:

O lado atrapalhado e inseguro do adolescente é representado por este gordo simpático. Fiel escudeiro, a sombra do terrível capitão é alguém frouxo e desajeitado, com seu "esquema corporal" demonstrando uma adicção à comida. Representa as situações que são vivenciadas com angústia pelo jovem, que pode sentir-se como "não sendo ele próprio", já que também o corpo muda muito na adolescência.

Quando criança, o indivíduo pega emprestado elementos dos pais e irmãos para nortear condutas, e na adolescência haverá de necessariamente querer "trocar de roupa" e buscar um novo caminho formatador através do método tentativa-e-erro. (Certa vez, Michelângelo foi perguntado sobre a maneira de se esculpir corretamente um cavalo. A resposta é desconcertante: -Simples, disse ele, basta tirar da pedra tudo o que não é cavalo). A "escultura" que o adolescente deve fazer de si mesmo possui elementos similares.

A Terra do Nunca e O Pequeno Grupo:

Em geral, o dependente químico possui a tendência de preferir os pequenos grupos, que incluem também alguns co-adictos¹². Há um fornecimento de defesas e reforços nas decepções narcísicas, e todos passam a falar a mesma linguagem, as angústias são compartilhadas e se reproduz empobrecidamente uma "família".

¹¹Segal, Hanna. Introdução à Obra de Melanie Klein, 1964. Imago Editora, 1975. Pág. 15

¹²Kalina, Eduardo. Drogas - Terapia Familiar e outros temas. Livraria Francisco Alves Editora, 1991. Pág. 77

Na Terra do Nunca, os "meninos perdidos" estão egossintônicos entre si e com o meio. Há uma norma estabelecendo que o sintoma não é sintoma, pois todo o grupo age de um modo similar. Normal, vale a lembrança, é um conceito antes de tudo empregado em estatística, pois vem de "Norma". E a norma do grupo é o uso do pó e o não-crescimento. Assim, ocorre a "legitimação" social do problema.

A Resolução do Processo:

Há alguns anos, o problema das drogas aparecia, via de regra, nas famílias "disfuncionais", ou seja, naquelas em que o convívio apresentava turbulência e desvios de alguma espécie nos papéis de cada membro. Hoje, com a explosão epidêmica do uso de Substâncias Psico-Ativas, praticamente todas as famílias estão potencialmente sujeitas ao problema.

Na história de Peter Pan e nos adolescentes da vida real, há que se pensar na família como ponto de partida terapêutico. Nossos personagens terminam por retornar à casa dos pais, afetiva e concretamente. A partir desse reencontro é que se iniciará a verdadeira "independização". Que, antes de tudo, deverá ser financeira. E, em seqüência, sem pó mágico, sem fórmulas fáceis ou milagrosas pode-se apostar no crescimento. Por isso as abordagens terapêuticas do problema das drogas são sistêmicas, ou seja: ao tempo em que tratam o conflito interno, ampliam o foco para uma visão mais globalizante. É um artesanato que pode ser áspero em alguns momentos, mas efetivo e necessário.